

Prefácio

Henrique Tahan Novaes

Como citar: NOVAES, Henrique Tahan. Prefácio. *In*: MARTINS, Bruna Oliveira (org.). **Autoeducação, práticas formativas e relações de gênero numa Cooperativa de Catadoras/es de Materiais Recicláveis**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024. p.13-20. DOI: <https://doi.org/10.36311/2024.978-65-5954-452-3.p13-20>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

O Mundo do Trabalho vem passando por profundas transformações desde os anos 1970. O que os gestores do capital chamam de “globalização” na verdade é uma nova etapa de uma longa mundialização do capital, iniciada em 1.500 por Portugal e Espanha. A reestruturação produtiva iniciada nos anos 1970 teve um impacto gigantesco no Brasil. Destruiu cadeias produtivas, levou ao nocaute a nossa indústria (que já não era lá essas coisas), criou trabalhadoras e trabalhadores terceirizados e quarteirizados, enfim, nos levou a uma reversão neocolonial.

O “colapso da modernização” brasileira pode ser visto nas estatísticas do que os economistas liberais chamaram de Belíndia, ou o que Eric Hobsbawm chamou de melhor exemplo de abismo social do neoliberalismo, este país chamado Brasil com seus condomínios de luxo e favelas se multiplicando, enorme concentração fundiária, riqueza e miséria convivendo lado a lado, extrema desigualdade educacional, enorme produção de produtos primários convivendo com a fome no campo e na cidade, destruição de alguns poucos serviços públicos, e por aí vai.

Muitas trabalhadoras e trabalhadores que foram lançados no mercado de trabalho nos anos 1960-70 perderam a sua fonte de trabalho com a crise do desemprego dos anos 1980-90 e não tiveram outra alternativa senão se juntar para fundar uma cooperativa ou associação de catadoras ou catadores de materiais recicláveis.

A dissertação de mestrado de Bruna Oliveira Martins, que tive a honra de orientar e agora fazer o prefácio, traz uma contribuição fundamental para uma melhor compreensão do que venho chamando de Mundo do Trabalho Associado e Embriões de educação para além do capital.

Este Mundo do Trabalho Associado foi ignorado e muitas vezes subestimado pela academia brasileira, que em grande medida só queria narrar os “frutos da industrialização” dos anos 1930-1970, do Brasil que “dava certo”, do Brasil que se modernizava e “alcançava” a tecnologia das nações centrais, como se todos os países do mundo estivessem no trilho da “modernidade” e como se não houvesse imperialismo ou desenvolvimento desigual e combinado.

O Mundo do Trabalho Associado latino-americano é complexo, dinâmico e contraditório. Para não ir mais longe, ele é filho da grave crise estrutural do capital na região, que não gera mais emprego com carteira assinada, que produz crimes ambientais de grande envergadura, e inviabiliza o futuro dos jovens e adultos da classe trabalhadora mais pauperizada.

Este Mundo do Trabalho Associado e da Educação para além do capital envolve um complexo leque de experiências criadas por uma parcela da classe trabalhadora que foi arrebatada pelo neoliberalismo e passa a se organizar (mais pela dor do que pelo amor) em cooperativas, associações e outras formas de experiência coletiva. Este leque passa por fábricas recuperadas complexas e grandes do Rio Grande do Sul, costureiras no Rio de Janeiro, associações de produtores familiares no nordeste, cooperativas agroecológicas do MST, catadoras de materiais recicláveis, dentre inúmeras outras experiências de produção associada, consumo, assistência e educação em todas as partes da América Latina: escolas

autônomas zapatistas, escolas autogeridas do MST, ONGs que apoiam a chamada Economia Solidária, dentre outras.

É verdade que a crise estrutural empurrou esta parcela da classe trabalhadora para fora do “mercado de trabalho”, mas também é verdade que houve uma decisão consciente e pioneira, principalmente de certas lideranças, que criaram ações para a criação destas experiências e obrigaram o Estado brasileiro a criar as chamadas políticas públicas que favorecem o mundo do trabalho associado.

Dada a urgência ontológica da sobrevivência humana, não tiveram como ficar esperando a melhoria do “mercado de trabalho”, tiveram que lutar onde podiam e com as armas que tinham: as suas próprias mãos e a força do trabalho coletivo.

A dissertação de mestrado de Bruna Martins foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação (Unesp/Marília) em 2023. A pesquisa teve o objetivo de analisar como a autoeducação e as práticas formativas propiciadas pela Incop UNESP Assis modificaram as relações de gênero da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis e Região (COOCASSIS).

Cabe destacar que a Incubadora de Cooperativas da UNESP de Assis é um ótimo exemplo de como grupos de ensino, pesquisa e extensão se curvaram a esta nova necessidade social: atender um público completamente ignorado pela universidade até então, as catadoras e catadores de materiais recicláveis, numa lógica distinta do assistencialismo e do pragmatismo.

Bruna Oliveira Martins observou que, apesar das contradições e dos limites existentes (conjuntura desfavorável em todas as suas dimensões: social, econômica e política das/os catadoras/es e da universidade), algumas positivities foram

encontradas dentro das negatividades do Mundo do Trabalho Associado e da Educação para além do capital.

Martins destaca que as mulheres catadoras: a) participaram do movimento social de catadores, o que por si só já é uma tarefa hercúlea, dada a dificuldade de organizar localmente, regionalmente e nacionalmente trabalhadoras/es numa atividade singular e complexa como a catação; b) discutiram sobre a temática de gênero no cotidiano, o que as levou a questionar e lutar contra a divisão sexual do trabalho e o trabalho reprodutivo na sociedade capitalista; c) assumiram cargos de liderança e funções nunca antes pensadas, ajudando a quebrar a separação patriarcal da “liderança” (onde os homens ocupam o papel estratégico) e a divisão do trabalho intelectual-manual e d) questionaram os catadores homens acerca do acúmulo de trabalho destinado a elas.

Se não bastasse tudo isso, Bruna Martins também destaca – de forma geral - a relação das universidades públicas com as catadoras – e de forma particular - a atuação decisiva da Incoop UNESP Assis junto a estas trabalhadoras e trabalhadores associados, em inúmeras atividades formativas que ajudaram trabalhadoras e trabalhadores associados a pensar a sua própria existência e as possibilidades e urgências da produção associada.

Os desafios e as contradições existentes no processo de construção da autogestão nas cooperativas de catadoras e catadores não são poucos, especialmente num contexto de turbocapitalismo, onde a naturalização do lucro, da acumulação, do individualismo e da competitividade atingem a “perfeição”, e principalmente, o controle da cadeia produtiva da reciclagem pelas grandes corporações transnacionais que agora dizem “cuidar do meio ambiente”.

No que se refere aos processos de formação política, Bruna Martins analisou como a autoeducação, isto é, o processo de autoeducação que ocorre “naturalmente” entre trabalhadoras e trabalhadores ao se associarem (e construírem o conhecimento associado) e como as práticas formativas propiciadas pela Incop UNESP Assis modificaram as relações de gênero da Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis e Região (COOCASSIS).

Aqui cabe um parêntese, pois o marxismo do século XX, com honrosas exceções, tendeu a ignorar ou a subestimar as questões étnicas, ambientais e de gênero. A classe trabalhadora era explorada e ponto!, sem se observar (ou em grande medida subestimando) fenômenos como a dupla ou tripla exploração das mulheres, a reprodução social numa ampla jornada de trabalho que envolve desde a ida para o trabalho num meio de transporte desumano, a exploração do trabalho na fábrica, além de lavar roupa e educar os filhos/as, quando estão fora da escola.

Por sua vez, a questão ambiental foi tratada, mesmo na URSS, como uma questão secundária ou na melhor das hipóteses, uma questão que seria tratada depois da revolução. Neste aspecto o estudo de Bruna Martins traz uma contribuição decisiva para “desinvisibilizar” a realidade das trabalhadoras associadas, na sua complexa atividade produtiva e reprodutiva: a catação de materiais recicláveis.

Ademais, ao também colocar o dedo em outra ferida da sociedade capitalista, isto é, a produção destrutiva, a produção desenfreada visando a acumulação de capital, a autovalorização do capital e a obsolescência planejada de mercadorias supérfluas, será possível a leitora e ao leitor constatar que o maior “lixo” de todos é

o próprio modo de produção e reprodução capitalista, que deverá ser “descartado” com a maior brevidade possível pela humanidade nas próximas décadas. Poderemos reciclar este modo de produção? O que sobrará dele? O que poderemos catar e o que deverá ser jogado na lata de lixo da história?

Por ser uma dissertação de mestrado, não foi possível a pesquisadora desenvolver boa parte das dimensões do fenômeno estudado. Cabe lembrar também que as mestrandas e os mestrandos ainda se encontram num estágio intermediário da apropriação da totalidade dos fenômenos sociais e de sua formação política, que provavelmente se dará no seu doutorado e em outras lutas cotidianas travadas pelos pesquisadores/as. Mesmo assim, Bruna Martins se destaca ao conseguir relacionar as múltiplas determinações do fenômeno estudado, ao fazer uma ampla pesquisa bibliográfica, documental e empírica (especialmente através de entrevistas e pesquisa de campo). Não posso deixar de destacar sua atuação na Incubadora antes de vir fazer o mestrado, como intelectual militante e pesquisadora, atuando junto aos movimentos sociais de Assis. Esta experiência certamente contribuiu para que este livro ficasse tão bonito!

Cumpramos também que a pesquisa foi realizada em tempos de pandemia do Coronavírus (COVID-19), onde vivenciamos um aprofundamento das desigualdades sociais e econômicas. A pandemia criou muitas dificuldades para a realização da pesquisa, e mais do que isso, as cooperativas e associações de trabalhadores e trabalhadoras foram duramente atingidas pelas políticas destrutivas da vida levadas a cabo por Jair Bolsonaro.

Quer entender mais sobre a dura realidade das catadoras e suas vitórias ao criar cooperativas de trabalho? Quer saber mais sobre as relações de gênero na produção associada? Quer se formar politicamente sobre os conflitos de classe e as lutas travadas entre homens e mulheres no trabalho singular de separação e gestão de uma cooperativa? Quer entender como uma Incubadora de Cooperativas auxiliou a criação de uma cooperativa, atuando seja em questões “elementares” no campo jurídico, seja na ajuda a uma organização regional e nacional? Quer entender as questões ambientais, para além da aparência da mera “separação” de materiais recicláveis? Eis o belo livro de Bruna Oliveira Martins! Uma contribuição decisiva para a compreensão das contradições da produção livremente associada, das questões de gênero e da educação para além do capital.

Henrique Tahan Novaes

Marília, 26 de dezembro de 2023

